

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA CLÍNICA

FÁBIO CARLOS DE ARAÚJO

ANÁLISE DA EPISTEMOLOGIA NA HISTORICIDADE DE UM MINISTRO ORDENADO  
PELO PRISMA DA FILOSOFIA CLÍNICA

ANÁPOLIS – GO  
2018

FÁBIO CARLOS DE ARAÚJO

ANÁLISE DA EPISTEMOLOGIA NA HISTORICIDADE DE UM MINISTRO ORDENADO  
PELO PRISMA DA FILOSOFIA CLÍNICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Filosofia Clínica sob a orientação da Profa. Carla Rosane Hagman.

ANÁPOLIS – GO

2018

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

FÁBIO CARLOS DE ARAÚJO

ANÁLISE DA EPISTEMOLOGIA NA HISTORICIDADE DE UM MINISTRO ORDENADO  
PELO PRISMA DA FILOSOFIA CLÍNICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Filosofia Clínica sob a orientação da Profa. Carla Rosane Hagman.

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Carla Rosane Hagmann

**ORIENTADORA**

---

Profa. Aracelly Rodrigues Loures Rangel

**CONVIDADA**

Dedico este trabalho a todos os que se dedicam à escuta e cuidado do outro, para que reconheçam o quanto este trabalho é necessário e importante no mundo em que vivemos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo Dom da vida e por estar sempre comigo, sem Ele nada poderia ser feito. Aos meus alunos que são o grande incentivo para meus estudos. Que meus alunos se sintam sempre estimulados a aprofundar seus conhecimentos pelo estudo e pesquisa.

“Tenho que ter paciência para não me perder dentro de mim: vivo me perdendo de vista. Preciso de paciência porque sou vários caminhos, inclusive o tal beco sem saída.”

*Clarice Lispector*

## RESUMO

Este trabalho foi realizado para apresentar a Epistemologia na Historicidade de um ministro ordenado e assim a aplicação do método Filosofia Clínica na história deste Partilhante. Baseado no método da Filosofia Clínica o trabalho buscou apresentar como este método pode ajudar na percepção de elementos significativos da história do Partilhante. A pesquisa resultou da combinação dos pensamentos de vários autores para conceituar o método da Filosofia Clínica e especialmente na escuta atenta do Partilhante com a transcrição objetiva de sua Historicidade.

**Palavras-chave:** Historicidade, Filosofia Clínica, Epistemologia, Partilhante.

## **Abstract**

This work was carried out to present Epistemology in the Historicity of an ordained minister and thus the application of the Clinical Philosophy method in the history of this Shared. Based on the method of Clinical Philosophy the paper seeks to present how this method can help in the perception of significant elements of the history of the Sharing. The research resulted from the combination of the thoughts of several authors to conceptualize the method of Clinical Philosophy and especially in attentive listening of the Shared with the objective transcription of its Historicity.

**Keywords:** Historicity, Clinical Philosophy, Epistemology, Sharing.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 HISTORICIDADE</b> .....	11
2.1 CONCEITO DE HISTORICIDADE .....	11
2.2 HISTORICIDADE .....	12
<b>3 ANÁLISE DA HISTORICIDADE PELA FILOSOFIA CLÍNICA</b> .....	26
3.1 DADOS DIVISÓRIOS E ENRAIZAMENTOS.....	26
3.2 EXAME DAS CATEGORIAS.....	27
<b>4 ANÁLISE DA EPISTEMOLOGIA</b> .....	30
4.1 ESTRUTURA DE PENSAMENTO .....	30
4.2 CONCEITOS DE EPISTEMOLOGIA .....	31
4.3 EPISTEMOLOGIA NA HISTORICIDADE DO PARTILHANTE .....	33
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	36
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37

## 1 INTRODUÇÃO

A Filosofia Clínica trabalha a partir da escuta atenta de pessoas que vêm buscar um Filósofo Clínico para ajuda-los a compreender um pouco mais sobre suas vidas e realidades. Esta partilha de dados chamada de Historicidade é o objeto com o qual o Filósofo Clínico trabalha e auxilia o Partilhante, aquele que procura a ajuda na Clínica.

Dentro da escuta do Partilhante, o Filósofo Clínico fixa-se apenas naquilo que o Partilhante está dizendo, a Clínica é feita com as palavras do Partilhante e não com interpretações subjetivas do Filósofo, nem tão pouco com a experiência pessoal do Filósofo, tudo isto deve ser deixado de lado por ele, pois através de suas próprias palavras e atitudes o Partilhante revela quem ele é e assim o Filósofo poderá ajudá-lo.

Cada pessoa é um universo completo, é diferente, por isso cada Estrutura de Pensamento é única, não se repete e desta forma trabalha o Filósofo Clínico sempre com um universo diferente à sua frente, sem comparações com outros, sem nem pensar em si mesmo, apenas naquela pessoa que está ali na sua frente. O Filósofo não pode também deixar de lado nenhum detalhe que o Partilhante está contando para ele, tudo é muito importante na Clínica.

Cada Partilhante vêm à Clínica trazendo um Assunto Imediato, o motivo pelo qual ele busca a Clínica, neste trabalho não temos um assunto imediato, pois o Partilhante não buscou a Clínica, estamos utilizando esta Historicidade, fazendo a análise da mesma e observando um elemento da Estrutura de Pensamento que se destaca na análise da Historicidade, a Epistemologia. Nem tão pouco se trata de uma Clínica completa, mas apenas da análise da Epistemologia dentro a Historicidade apresentada.

Numa Clínica completa teríamos vários encontros com o Partilhante que buscou o Filósofo com um Assunto Imediato que pode ser bem diferente do Assunto Último, o assunto que realmente é relevante e estruturante no Partilhante.

Este trabalho nos dará a possibilidade de observar a forma como a Filosofia Clínica trabalha e assim poderemos compreender melhor, na prática, o auxílio da Clínica na vida dos Partilhanes que a procuram. A Clínica é muito mais do que apresentamos aqui, mas com tudo o que escrevemos, os que lerem já terão grande compreensão do sério e árduo trabalho da Filosofia Clínica.

O objetivo do trabalho é pesquisar e analisar, através da escuta do partilhante que é um ministro ordenado, sua historicidade e o tópico Epistemologia de sua Estrutura de Pensamento.

A problemática para execução deste trabalho gira em torno da identificação e compreensão da historicidade e do tópico Epistemologia da estrutura de pensamento deste ministro ordenado.

Para o presente trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, para se conhecer melhor o tópico Epistemologia da Estrutura de Pensamento, através de livros e ferramentas utilizadas por meios eletrônicos. Assim foi possível conceituar tanto para a Filosofia, quanto para a Filosofia Clínica o tópico Epistemologia.

Foi feita também uma pesquisa de campo de um caso através da análise da historicidade de um ministro ordenado.

O estudo de caso, foi realizado com uma única pessoa, do sexo masculino, ministro ordenado católico, que se dispôs a partilhar sua historicidade. O ministro ordenado contou sua historicidade, que foi gravada e depois transcrita integralmente no trabalho.

A análise dos dados da historicidade foi realizada através da observação do tópico Epistemologia da estrutura de pensamento que fora escolhida para trabalhar.

O trabalho possui três capítulos: o primeiro trata do conceito de Historicidade e depois conta-se a Historicidade do Partilhante, tal como foi gravada; o segundo é uma análise desta Historicidade, por meio da Filosofia Clínica, com os Dados Divisórios, Enraizamentos e o Exame das Categorias; o terceiro capítulo analisa o tópico escolhido e predominante da Estrutura de Pensamento do ministro ordenado, a Epistemologia.

## 2 HISTORICIDADE

### 2.1 CONCEITO DE HISTORICIDADE

A Historicidade é a escuta atenta do Partilhante. É necessário colher os dados do Partilhante, para o presente trabalho será feito através da gravação da Historicidade do Partilhante e o Filósofo Clínico transcreverá a história do partilhante.

A Historicidade é um modo de estudar elementos, contextos, marcos, referências, ícones de passagens. Há diversos dispositivos que mostram a pontuação dos caminhos. Ainda que a pessoa possa se identificar com a própria Historicidade, tendo a impressão de que ela e a Historicidade são um único elemento. Por analogia, a Historicidade seria o rio, o mar, e a pessoa o barquinho, a canoa. O rio e o mar nos contam a provável trajetória da canoa, servem para a localização da canoa (PACKTER *apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 29).

A Historicidade é a acolhida de tudo aquilo que o Partilhante tem a dizer sobre si mesmo, no primeiro momento o Filósofo Clínico tem o trabalho de escutar, acolhendo o Partilhante. Não cabe aqui perguntas e questionamento, o Partilhante precisa estar totalmente livre para falar da maneira em que desejar.

Seguindo a Clínica: “Após o Partilhante falar sobre o Assunto Imediato, o Filósofo Clínico pedirá, se ele estiver em condições, para contar sua história” (Ibid). Aqui não teremos um Assunto Imediato por não estarmos fazendo uma Clínica completa, o Partilhante está simplesmente contando sua Historicidade.

A Historicidade em Filosofia Clínica pode ser comparada à Arqueologia. [...] A comparação diz respeito ao estudo do que é passado, do que já existiu, vestígios que podem tanto ser materiais, como imateriais, sentimentos, emoções, palavras, situações, pessoas, lugares etc. É um trabalho minucioso e delicado (Ibid., pp. 32-33).

Tudo aquilo que o Partilhante fala ao Filósofo Clínico é importante e a atenção do Filósofo Clínico deve ser grande, especialmente porque algumas coisas da partilha serão usadas para fazer os devidos Enraizamentos para ajudar o Partilhante.

## 2.2 HISTORICIDADE

Tenho trinta e quatro anos, sou o quarto filho dos meus pais, destes quatro filhos são três irmãs mais velhas e eu sou o caçula. Meus pais se separaram quando eu ainda tinha seis anos de idade, até aí morávamos todos juntos, depois da separação fui morar com minha mãe, todos os irmãos foram morar com ela, em outro bairro da cidade.

Sempre tinha contato com meu pai, ele sofreu muito com esta separação, mais ainda em relação aos filhos, sempre foi um pai muito dedicado, desde sempre. Não foi o esposo exemplar, mas como pai foi o melhor que ele poderia ter sido, digo isso por mim mesmo, mas já ouvi também das minhas irmãs a mesma coisa, que puderam experimentar muitos defeitos dele no casamento da minha mãe, mesmo antes de eu nascer, eu não experimentei isso.

Aos seis anos de idade fui morar com minha mãe num lugar que parecia uma roça, nem tinha muitas casas na rua, era só mato. Onde meu pai morava, tinha muita criança, era muito alegre, era bem diferente. Depois de dois anos morando com minha mãe, com oito anos de idade eu voltei para morar com meu pai, eu e minha irmã mais nova. Fiquei morando só com meu pai e às vezes ia visitar minha mãe, mas não tinha problema em relação a isso. Foi um período muito bom, uma fase muito boa morando só com meu pai.

Meu pai era daqueles que quando apontava na esquina íamos correndo para abraçar, era rígido na disciplina em casa, com horário para chegar e tudo, mas no sentido de carinho sempre foi um pai muito carinhoso.

Minha primeira infância no sentido de escola foi acompanhada mais pelo meu pai, de ver se estava fazendo a tarefa, de não deixar faltar a aula, estas coisas assim. Morando com ele não tinha muita liberdade, era bem rígido, mas para a idade que eu tinha era isso mesmo. Andava apenas uns dois bairros na vizinhança (risos). Uma vez quando fui mais longe com uns amigos de bicicleta, cheguei muito tarde e ele chamou muito a atenção, não chegou a brigar, mas foi muito firme.

Da parte da minha mãe eu sentia um pouco de ciúmes, pois os filhos mais novos preferiram, digamos assim, morar com o pai. Mas não era questão de ser com o pai ou com a mãe, era a questão de se sentir mais livre no lugar onde o pai morava.

Nisso meu pai nunca teve nenhuma mulher fixa, de colocar dentro de casa e tudo, ele sempre foi muito mulherengo, mas nunca de trazer para casa.

Quando eu tinha quatorze anos ele começou a namorar uma mulher e a coisa já tinha ficado mais séria, a minha irmã já tinha voltado a morar com minha mãe e ficamos seis meses só eu e ele, acho que por isso sentiu a necessidade de colocar uma mulher em casa. Isto gerou certo conflito, ela já tinha filhos e meu pai sempre foi muito rígido na questão de disciplina em casa, de lavar o banheiro, limpar a casa, estas coisas assim de disciplina mesmo com filho. Mas com os filhos da mulher já era diferente, era relaxado e eu não gostava de ver eles fazerem aquilo que eu não podia fazer. E aí foi gerando conflito entre eu, esta mulher e os filhos dela que eram bem mais novos do que eu. E chegou um ponto, com a adolescência, eu queria mais independência e tudo, voltei a morar com minha mãe. Também eu tinha certa consciência da questão moral sobre a criminalidade e meu pai morava num bairro muito perigoso, uma periferia bem perigosa, voltada para as drogas e tudo, eu cresci vendo isso assim na porta de casa, crimes e drogas, até mesmo meu tio no fundo de casa eu cresci vendo aquilo.

Fui, então, morar com minha mãe, agora já era mais aquela roça que eu pensava quando eu era criança, as coisas agora eram bem mais fáceis para se adaptar. Com minha mãe tinha mais liberdade, foi a época em que comecei a fazer parte de um grupo de infantaria, algo como bombeiro mirim, polícia mirim misturado com escoteiro. Na verdade, eu comecei no último ano que eu morei com meu pai ainda e quando fui morar com minha mãe eu permaneci e era no outro bairro bem distante. Nesse lugar, aquilo que eu tinha de disciplina em casa com meu pai eu transmiti para este lugar e para mim o que chamava a minha atenção era a questão da disciplina mesmo, não um militarismo de fato, mas uma extensão do militarismo, sempre tinham militares que passavam por lá davam formação e tudo. Meus superiores lá eram bem rígidos, de cobrar mesmo, por outro lado, fora do agrupamento, da instituição eram muitos amigos, muito próximos, e isso, pensando agora, pensando hoje, parecia que era como que uma extensão do meu pai. O meu pai era isso, de um lado bem rígido e de outro lado, bem carinhoso e bem próximo. Neste grupo eu fiquei quase cinco anos.

Nestes anos junto com muitos amigos de muitos lugares, como que apareceu um espírito de liderança, a partir deste momento eu percebia isso, antes eu não percebia, olhando para minha história, antes eu não percebia isso, pode ser que antes se manifestava de outra forma, mas eu percebi mais aí. Acho que aprendi isso com meu pai, muitos amigos próximos de mim, e eu gostava disso, isso elevava muito

minha autoestima. Consegui ao mesmo tempo impor respeito de um lado e de outro lado atrair as pessoas ao meu redor. E foram várias etapas neste grupo, várias pessoas diferentes em vários lugares diferentes, mas que se manifestava a mesma coisa, seja formalmente ou informalmente. Por exemplo, aos quinze anos eu era do meu grupo de amigos o mais novo, dos mais próximos a mim eu era o mais novo, no entanto, sempre nos acampamentos ou outras coisas eles me colocavam à frente para falar alguma coisa e para tomar à frente das coisas e nesta idade eu fui percebendo muito esta questão. Os outros falavam que não parecia que tinha a idade que eu tinha, enquanto a maioria deles estava na segunda metade dos dezessete, cuidando de alistamento militar, eu não estava nem aí para isso, esta era uma característica forte que eu percebi nesta época.

Com treze anos eu comecei neste grupo até os dezessete, foi uma vida muito intensa, com muitos amigos, de viajar muito, mesmo que não era para longe, mas muito acampamento, estar muito fora de casa, de muita independência, de sentir-me muito seguro para fazer alguma coisa, para empreender alguma coisa, muito tranquilamente.

Aos dezessete anos, num acampamento destes que não era de Igreja, eu não era muito religioso. Na verdade, só voltando um pouco, quando eu morava só com meu pai, eu fiz a Primeira Eucaristia, confessei uma vez para a Primeira Eucaristia e outra vez um mês depois e pronto. Depois disso minha religiosidade era ir na novena no mês de maio, nas casas, quando meu pai me chamava, fora isso, até os dezessete anos eu vivi como um pagão. Quando eu tinha dezessete anos, num acampamento, que não tinha nada haver com Igreja, nada haver com religião, um dos membros do nosso grupo, que era novo no grupo, num momento de partilha diante de uma fogueira, que era comum no nosso meio uma partilha não no sentido religioso, mas no sentido comunitário mesmo, ele pediu para ler uma passagem da Escritura, nós permitimos e ele leu, neste momento eu me senti chamado ao sacerdócio, não sei como, não sei que passagem que era, não sei se era uma coisa específica ou não, pois este rapaz ele queria ser padre, ele era vocacionado e eu discuti com ele pois não concordava. Para começar eu não entendia, não era religioso e eu usava meus argumentos de pagão que não era vontade de Deus o homem querer viver no mundo sem se casar e que Deus criou o homem para a mulher e a mulher para o homem e por aí vai. Nossa discussão era assim, bem infantis mesmo, pois eu não tinha

argumento nenhum, era mais pela força da moral, ou algo assim. Mas neste momento eu me senti tocado por Deus, para pelo menos começar a pensar nisso.

Isto era uma terça-feira de Carnaval, no outro dia voltamos para a cidade e eu conversei com ele sobre o que eu tinha sentido. Ele me levou para conversar com o padre e aí começou o processo de discernimento, bem simples no primeiro momento, na conversa com o padre. O padre disse que se fosse vontade de Deus, Ele continuaria a falar. E então, comecei a participar da Paróquia em que este rapaz participava que ficava do outro lado da cidade, que não tinha nada haver com meu bairro e minha realidade, conhecia algumas pessoas de lá pois estavam neste grupo que eu fazia parte.

Comecei a participar da Missa todos os domingos naquela Paróquia e como era o tempo da Quaresma, um tempo muito forte, eu via a grande participação dos jovens naquela Paróquia e fui vendo como a Igreja Católica era diferente daquilo que eu estava acostumado a ver na minha infância e mesmo de fora daquilo que eu via muito pela brecha da porta, pois eu não entrava. Via muitos jovens, muitos, participando da Missa e servindo na Missa como acólitos, na época tinham uns cem, de todas as idades. E aí eu vi um novo jeito de ser jovem daquele que eu estava acostumado, um modo muito alegre e um modo cristão de ser. Jovens de muita oração e muito fervor que eu havia visto isto apenas em igrejas protestantes, que eu visitei, mas que não me sentia motivado a retornar uma segunda vez. Às vezes, eu ia uma única vez, para a pessoa parar de encher o saco mesmo (risos) e por educação, mas nunca me senti atraído para ir uma segunda vez. Eu achava que nem existia isso, essa participação dos jovens como eu vi nesta Paróquia.

A partir daí mudei o modo de pensar, até mesmo em relação a mim mesmo. Tantas coisas que as pessoas falavam de mim e viam em mim eu agora refletia através da luz da religião. À luz de Deus, Deus como que colocando uma luz e me mostrando o que era. Certas coisas que via em mim, que eram dons naturais e que fato eram dons naturais, mas para algo sobrenatural que Deus já estava preparando (risos), estes dons naturais não eram por acaso. Tudo ao meu redor tinha um novo sentido e eu via como uma preparação para algo superior: meu pai, minha mãe, o espírito de liderança, as pessoas ao meu redor. A Palavra de Deus confirmando aquilo de concreto que eu já tinha na minha vida, desde minha infância e adolescência. Começou um processo de discernimento vocacional.



Este processo não foi tão fácil, como Deus chamar e eu seguir, como foi para Mateus, que imediatamente seguiu a Jesus. Senti um susto e um impulso de querer seguir a Jesus, mas seguir a Deus desta forma era tudo contrário àquilo que eu pensava, que eu sonhava, que eu queria e que desejei para mim. Quando eu tinha quinze anos já falava com minha mãe que no máximo aos dezoito anos eu queria ser pai, queria constituir família e minha mãe me lembrou esta história como que me questionando. Foi uma época de muito conflito, embora o conflito no sentido de seguir qual estado de vida, mas por outro lado era tão forte o chamado de ser de Deus, de abandonar o modo como eu vivia como pagão, não tinha uma referência clara ainda, a não ser muito subjetivamente, mas tudo isso foi se clareando depois com as direções espirituais, com as confissões, com as homilias.

O padre que me acompanhava, Deus o usava muito, mesmo nas homilias, coisas que não eram muito claras para mim, que ele nem sabia, eu obtinha a resposta nas homilias, fui mudando aos poucos. Deus foi me mudando aos poucos, sem violência, tudo muito tranquilo.

A coisa mais conflitante de que eu tinha que abrir mão era o matrimônio, especialmente naquela época em que eu havia tido duas namoradas, uma por quase dois anos, outra por pouco tempo e a namorada que estava agora era aquela que eu dizia para mim mesmo, se for para casar tem que ser esta. Para mim era alguém que preenchia todas as qualidades e era alguém que eu sentia reciprocidade. Este era o momento em que humanamente falando era o mais complicado, o mais difícil de abrir mão do matrimônio por causa disso. Talvez, se tivesse sido um período atrás, não teria sido tão difícil como neste momento.

Mesmo com tudo isso continuava participando naquela paróquia, mesmo sendo do outro lado da cidade, mesmo tendo que dormir na casa de amigos por conta de a Missa terminar bem tarde e não ter como ir para casa no mesmo dia. Por exemplo, na festa da padroeira eu já sabia que tinha que ir e ficar por lá mesmo. Mas esta questão de acampar não era estranha para mim, adaptei-me fácil, foi tranquilo.

Participando do grupo dos acólitos, fazendo direção espiritual, fazendo acompanhamento, o mesmo padre estava começando uma comunidade de vida, que envolveria religiosos e leigos, sacerdotes e irmãos. Esta comunidade estava bem no início mesmo e provavelmente através de minhas partilhas fui convidado por ele a conhecer a comunidade. Eu aceitei fazer a experiência. E o mesmo rapaz que havia

feito aquela leitura no acampamento também estava fazendo experiência nesta comunidade, daí as coisas foram mais fáceis.

Comecei a conhecer a comunidade vivendo com eles no final de semana, achei muito interessante as pessoas da comunidade, todo este processo de maior aproximação de Deus. Eu não tinha experiência de participar da Missa, daí ir para a Paróquia e ver os jovens participando da Missa foi algo muito bom e depois nesta comunidade isto se multiplicou muito. Fui crescendo numa aproximação cada vez maior de Deus e aí fiquei nos finais de semana. A comunidade tinha jovens normais como eu, vindos de um processo semelhante ao meu e que tinham uma sede muito grande de servir a Deus, procurando o saber como poderiam servir a Deus. E ao mesmo tempo eu via casais com filhos pequenos, com filhos maiores que não se contentavam em apenas ir à Missa e rezar nas suas casas, mas que queriam mais queriam estar juntos para rezarem juntos e para viverem uma espiritualidade concreta.

Eu achei muito saudável aquele ambiente, os encontros, retiros de muita profundidade. Aquilo que eu sentia na igreja pelo modo de participação da comunidade paroquial, multiplicou-se na comunidade, nas orações, momentos de fraternidade com muita alegria. Por outro lado, eu me deparava mais uma vez como alguém que está à frente como meu pai. O padre que me acompanhava na comunidade era muito rigoroso e muito firme, concretamente na Liturgia, muito exigente; não queríamos dar nenhum passo errado para não ser chamada a atenção, mas fora daquele ambiente, era totalmente um pai, amigo, irmão, de uma forma que eu nunca imaginava um padre assim tão próximo dos jovens e ao mesmo tempo eu via um padre zeloso, de oração, para mim uma coisa extraordinária é que ele usava batina vinte e quatro horas, mas numa liberdade tão grande de brincar, bater, chutar, de jogar para cima com os jovens e crianças, mesmo com as famílias, bem brincalhão. O povo era bem próximo a ele também e isto para mim foi uma realidade bastante segura, tanto quanto meu pai, no mesmo sentido.

Comecei o processo de deixar o conflito de não ser casado e agora passava a outro conflito, o da forma de ser sacerdote, como religioso ou como diocesano. Eu via o padre como um padre diocesano, que estava na paróquia no meio do povo, com toda a dinâmica da pastoral, eu o via como referência na celebração da Liturgia, na questão da homilia e do sermão que para mim era algo espetacular e mesmo o pós Missa de estar ali no patamar da igreja brincando, conversando, no estacionamento, atendendo confissões por ali, muito próximo, muito próximo mesmo das pessoas. Só

que eu conheci este padre em outra realidade, a de retiro, pregação de retiro, dentro da comunidade, que tendia mais para uma vida monástica, mais de contemplação, de adoração, de silêncio e de missão, pois a comunidade também tinha a dimensão da missão, apesar de que neste início da comunidade tinha-se mais a questão da vida contemplativa.

Sobre o discernimento entre viver como padre religioso ou diocesano, penso que tenha sido mais fácil. Eu vinha de uma realidade de vida leiga não conhecia muito a diferença, foi sendo conduzido pelo padre a respeito das diferenças de cada realidade. Sempre ficava muito confuso para mim se era isto ou aquilo, por outro lado fui encaminhando mais para o lado da vida sacerdotal diocesana.

Depois de certo tempo o padre questionou-me se eu queria abrir mão de ir para o Seminário e fazer uma experiência de vida na comunidade. Na verdade, a experiência de começar a comunidade junto com ele, pois já havia realizado muitos retiros abertos com diversas pessoas, mas ainda não uma experiência concreta de vida comunitária. Na hora eu topei, abri mão de ir para o Seminário para ficar na comunidade. Morei um tempo com o padre, outro tempo com meu padrinho que morava próximo da Paróquia, do Colégio da Paróquia onde assumi a tesouraria por um tempo por necessidade mesmo.

Depois disso foram dados alguns passos em relação à vida comunitária juntamente com alguns jovens que tinham feito retiro comigo. Inicialmente com nove jovens que se retiraram para um sítio mais afastado da cidade e iniciamos uma vida mais contemplativa. Eram homens e mulheres, mas a maioria homens. Até aqui todos eram iguais, a respeito de hierarquia tinha o padre que era o superior e um jovem que já tinha feito experiência monástica e que fora considerado o reitor da casa, este era o nome que foi dado na época. Fizemos a experiência de uma quaresma, foi muito bom, estávamos nos adaptando, mas nem todos. Alguns ainda não tinham concluído o Ensino Médio, então, saiam todos os dias para ir para a escola e então tinham o conflito de quererem namorar e tal. No meu caso estava muito tranquilo, havia concluído o Ensino Médio e queria ir para o Seminário para ficar e agora na comunidade também queria ficar.

No final desta experiência apenas dois quiseram ficar, eu e mais um. O padre disse que se fossem pelo menos três iria continuar, mas como eram apenas dois, então resolveu esperar mais um pouco. Depois desta experiência é fiquei trabalhando no Colégio da Paróquia e fiquei mais por ali. Fiquei mais próximo do padre e fiquei

cutucando o padre a respeito da comunidade, pois eu havia deixado de entrar no Seminário para estar na comunidade. Então comecei a dar ideias sobre o hábito da comunidade e outras coisas, pois até então não existia nada de concreto, de visível a respeito da comunidade, erámos apenas vocacionados e pronto. Destas conversas começaram a nascer alguns pontos para a regra de vida da Comunidade, meu pensamento com o do padre batia muito e então começamos a escrever os estatutos e regras de vida para a comunidade.

Comecei a perceber que mesmo sendo igual aos outros eu estava sendo colocado à frente das coisas como referência para os outros, sendo colocado sobre mim um peso maior, até mais pelo interesse maior da minha parte do que dos outros. Foi seguindo todo um processo na comunidade de concretização de todas as coisas, ajeitar o horário de acordo com as diversas realidades, enquanto isso o padre ainda era pároco na Paróquia.

Neste período eu tinha grande conflito pessoal, quando as coisas não estavam bem eu questionava o motivo de não ter ido para o Seminário. Fiquei pensando muitas vezes em querer sair, mas acabava continuando, permaneci vendo que aquilo era a vontade de Deus. Fiquei oito anos na comunidade passando pelas diversas etapas: noviciado, postulante, consagração, juntamente com uma turma de leigos, dezoito leigos que se consagraram no mesmo dia, como membros de Aliança; eu e o padre como membros celibatários da fraternidade de irmãos. A comunidade foi crescendo, foi tomando forma e após a consagração comecei os estudos de filosofia. Na comunidade eu já era uma referência no sentido de já ser a segunda pessoa, sendo o braço direito do padre, tudo passava pelas minhas mãos, desde as coisas mais simples como a fechadura de uma porta até coisas mais complexas como pregação de retiro e coordenação de uma missão. Tudo isto foi uma extensão daquilo que vinha desde minha adolescência, alguém de referência à minha frente, do mesmo parâmetro do meu pai. Para mim sempre teve um lado difícil da imposição da regra e por outro lado a aceitação muito grande por conta da docilidade e tranquilidade de aceitar as coisas, e isto até hoje (risos).

São elementos que sempre vão sendo transferidos em minha vida, nesta mesma perspectiva, um lugar em que me sinto confortável por um lado e incomodado por outro, parece que lá na base eu fui formado assim desde as bases pelo meu pai e isso trazia confiança e por outro lado tinha a parte da minha mãe que de certa forma me fazia sofrer, minha mãe muito melancólica, ela sofreu muito com meu pai, sofreu

com isso desde minha primeira infância e escutando sempre minha mãe falando de seus sofrimentos seja por violência física, seja pelo adultério e meu pai também contava a mesma coisa, não escondia nada, contava até com certa vantagem a questão do adultério e com pesar a questão da violência. Eu cresci escutando sempre do meu pai, que ele bebia muito, que batia muito na minha mãe e que queria um filho homem. O primeiro filho de fato foi um homem, mas viveu apenas três horas, morreu no hospital, minha mãe nem chegou a vê-lo, depois uma sequência de três mulheres e meu pai brigando e batendo na minha mãe como que a culpando por não ter um filho homem. Quando minha mãe estava grávida de mim ela nem fez o exame para saber se era homem ou mulher de tanto medo que ela tinha pois já havia três mulheres, quando eu nasci meu pai parou de beber e ele prometeu que nunca mais colocaria uma dose de álcool na boca e de fato, tem trinta e quatro anos que sempre no meu aniversário se faz uma anamnese (recordação) deste acontecimento, eu cresci ouvindo isso sempre e todas as vezes no meu aniversário falando com meu pai, seja onde ele estiver ele contará esta história seja com quem ele estiver.

Eu sempre me senti muito amado pelo meu pai e pela minha mãe, mas houve uma época em que eu me sentia culpado pelo sofrimento da minha mãe, uma vez também que eu nasci da casa dela com oito anos de idade e fui morar com o meu pai, mas quando voltei a morar com minha mãe e especialmente quando comecei a participar da Igreja foi que vi vencido este sentimento de rejeição por parte de minha mãe. Então, eu sempre me senti muito amado e sempre tive meu pai como referência, neste sentido era sempre o meu garoto, o meu garoto, o meu garoto. Da parte das minhas irmãs tinha até um pouco de ciúme por causa deste tratamento do meu pai em relação a mim. Do mesmo modo que eu olhava para o meu pai sendo exigente e ao mesmo tempo carinhoso e amoroso, eu olhava para Deus e via que Ele era exigente e ao mesmo tempo um Pai carinhoso e amoroso, que a gente corre para abraçar, sentia-me envolvido e amado por Deus assim como eu me sentia pelo meu pai. Antes de nascer meu pai já me amava e me esperava, assim também aconteceu com Deus, antes de me aproximar dele, Ele me amava. Só depois eu tive consciência do amor do meu pai e só depois tive consciência do amor de Deus por mim.

Quando eu nasci, meu pai na maternidade viu aqueles muitos bebês lá, ele ainda não tinha me visto e disse para a enfermeira, pode trazer aquele ali, ele é o meu garoto. A enfermeira o questionou, mas como o senhor sabe? É ele, respondeu meu pai. Qual o nome da mãe, perguntou a enfermeira, ele disse e realmente aquele que

ele tinha apontado mesmo sem conhecer, era o filho dele. Como diz o Salmo 8 “desde sempre me cercou de carinho e proteção”, ele sempre teve algumas coisas que marcavam mesmo. Esta época que eu morava com ele foi uma lembrança do tempo de bebê, de quando eu era criança. Sempre fiz esta analogia do meu pai com Deus, isto sempre esteve muito presente na minha vida.

Lembro de um episódio de quando era pequeno, uma vez que meu pai me colocou dentro de um balde e me desceu numa cisterna muito funda, mesmo hoje olhando era muito funda. Eu com medo, sentado naquele balde descendendo pela corda e meu pai brincando lá em cima, conversando comigo, uma cisterna escura cheia de aranha, rã, insetos e olhando para cima e vendo o meu pai, escutando sua voz, agarrado naquela corda, mas confiando no meu pai que estava ali. Assim, eu fazia analogia com Deus, que mesmo chegando no fundo do poço, Deus está lá conosco, está junto de nós, nunca nos abandona. O próprio padre que me acompanhava ao ver meu relacionamento com meu pai, de muito respeito e ao mesmo tempo de muita liberdade e tranquilidade ficou impressionado com aquela liberdade, eu um homem de vinte anos quase que me jogando no colo do meu pai. Meu pai plantou isso na minha vida. A base de minha vida vai sempre voltando e sendo sempre o próximo degrau para subir.

Penso que muito do que eu tenho de minha personalidade tem base nisso. Quando vejo uma criança minha reação é quase que instantânea de querer tocar, pegar, na minha adolescência explodia em mim o desejo de ser pai. Olhando agora com um olhar religioso, vejo o meu pai que é assim até hoje, ele sempre quis estar perto de crianças. Como esposo meu pai foi um desastre, usando as palavras de minha mãe e de minhas irmãs; mas como pai ele foi o melhor pai que ele poderia ter sido, nisso ele realmente cumpriu o papel dele. Olhando a paternidade isso me ajuda no modo de ser um pai espiritual, com todas as características de poder vivenciar aquilo que eu sentia com o desejo de ser pai fisicamente, isso foi transferido para o desejo de ser pai espiritual, isto é o que me motiva muito para ser padre. Ser um pai, um padre, como meu pai, de acordo com a paternidade de Deus.

Após fazer os votos de compromisso evangélico, tendo passado cinco anos de vivência na comunidade passei por certa crise interior, no sentido de um voltar aquilo que foi o chamado inicial, como sacerdote diocesano, até porque era o modo ao qual eu me senti atraído de ser padre, foi vendo exatamente o padre na Paróquia como padre diocesano e depois na experiência concreta fui me entregando a uma vida

passiva, uma vida religiosa pois fui levado assim, fui conduzido desta forma. Não foi nada à força, mas foi por identificação com a comunidade, do carisma próprio da comunidade, porém, sentia-me preso àquela vida meramente contemplativa, embora tudo isso tenha me influenciado muito, e será um bom fruto para minha vida sacerdotal, por ter infundido no meu espírito o desejo pelo silêncio, pela contemplação, também porque tive por influência do meu pai o espírito mais inclinado à arte, ao desenho, serviços manuais e tudo, como modo de ocupar a mente, ocupar o tempo e fugir da ociosidade e senti-me muito alimentado por isso enquanto estava na comunidade.

Entretanto começou um conflito muito forte. Alguns meses após a consagração iniciei o estudo da Filosofia, estudando numa Universidade Católica, onde estudavam os seminaristas diocesanos e tantos outros religiosos de outras congregações e ordens e leigos. Foi um desafio muito grande de poder perceber outras formas de vivência do sacerdócio. Isso foi bem positivo para mim. Na Faculdade pude fazer muitos amigos e pude, mais uma vez, perceber o fato de reunir muitas pessoas ao meu redor. Algo bem interessante foi ver alguns religiosos que vinham de lugares bem distantes e por conta da pobreza não podiam trazer nada de comer com eles, viam de ônibus ou de trem, de uma brincadeira surgiu a ideia de tomarmos um café juntos. Então propus-me em trazer o café da comunidade, uma vez que eu ia e voltava de carro para mim isto era bem tranquilo. Na comunidade as irmãs já deixavam o café pronto na garrafa, daí eu colocava na bolsa e levava para a aula, para o café comunitário. Na hora do intervalo maior, alguns rezavam a Hora Média rapidinho e depois íamos para um grande salão de convivência, fazíamos uma rodinha e os estudantes da filosofia e alguns da teologia tomávamos o café e conversávamos, foi então surgindo muitas amizades, num ambiente muito tranquilo e descontraído. Chamávamos de café filosófico, mas não conversávamos nada de Filosofia, era apenas bobeira mesmo (risos), um momento bom de fraternidade. Quando era aniversário de alguém, levávamos um bolo simples para marcar aquele momento, algo simples, mas diferente dos outros dias normais. Foi um ano desta convivência, podendo conhecer os carismas e tudo.

O que realmente me atraía para a vida diocesana não foi esta experiência na Faculdade, mas foi a imagem do padre na Paróquia, sempre muito zeloso com a Liturgia, com o povo, tinha uma homilia excelente e por outro lado, fora do altar era aquele pai e amigo brincalhão, bem próximo de todas as pessoas de todas as idades.

Após este ano veio a crise do questionar se era mesmo aquela vida que eu deveria seguir, se era dentro da comunidade, se eu não estava de certo modo acomodado, pois materialmente não faltava nada, tinha muitos amigos que me acolhiam, tinha certa liderança, mesmo com tudo isso comecei a me questionar e conversava com padre se não seria outro o meu caminho. E foram dessas conversas dolorosas e difíceis, porque ele não aceitava, pois, via em mim uma das colunas da comunidade e sem eu estar junto, pois foi eu que tanto motivei o início da comunidade e ele não via a comunidade sem mim estando ali presente e à frente. Foi muito difícil todo este processo de não aceitação do padre, e no coração Deus ia confirmando cada vez mais que este era o passo que deveria ser dado. Por cinco meses tivemos estas conversas.

No ano seguinte fechei a matrícula na Faculdade e passei apenas a vivenciar a vida da comunidade mesmo, mas pouco tempo depois vi que não era esta a solução. Percebi que a solução seria voltar para casa e ficar um tempo afastado da comunidade, para pensar e refletir melhor. Na comunidade eu não conseguia este tempo, pois sempre tinha responsabilidades e outras coisas para fazer, pois esqueciam-se rapidamente da forma como eu estava interiormente e jogava-se mais e mais afazeres.

Chegou um ponto em que eu tive que ir na casa de minha família, e então fui para casa. Foi muito doloroso para os membros da comunidade verem o sofrimento do padre, especialmente os celibatários que moravam na casa da comunidade e foi um momento de muita dor, mas um momento de me sentir amado e valorizado. E o que valia a pena era ver aquilo que Deus queria de mim.

Foram oito meses passados em casa, em discernimento. Ia na comunidade algumas vezes, para alguma Missa ou outra coisa extraordinária, mas não tinha aquela obrigação de horários, de compromissos e tal. Na minha casa fiquei realmente para a família, nunca esquecendo de que era religioso e que tinha feito os votos, mas foi um período muito tranquilo e muito bom de discernimento, de tranquilidade e de paz no coração. Embora eu sofresse, por pensar que o padre estava sofrendo, pois este era meu sofrimento maior, saber que ele estava sofrendo.

“Quando se completaram os dias” (risos), ou seja, no final do ano ou no início do outro ano eu deveria dar uma resposta, se continuaria na comunidade ou se ingressaria no Seminário. Fui adiando esta conversa com o padre e foi no início de janeiro, lá pelo dia nove de janeiro que eu tive a conversa definitiva com ele e ficou



acertado que eu queria mesmo entrar para o Seminário. O padre escutou isto de mim com muitos, muitos questionamentos. Ele entrou em contato com os padres de uma Diocese e havia a possibilidade do meu ingresso. Mesmo estando em cima da hora, havia a possibilidade e foi um grande sofrimento e silêncio da pergunta, se eu poderia entrar, até a resposta. Dezenove dias depois recebi a resposta positiva e eu tinha que correr com as providências de documentação e enxoval para ingressar no Seminário Diocesano. Percebi então que o clima havia mudado, percebi novamente a alegria do padre e sua empolgação em providenciar todas as coisas necessárias para meu ingresso no Seminário. Fiquei mais aliviado e percebi certa confirmação de que era essa mesma a vontade de Deus.

Faço uma analogia da minha situação passada de quando eu morava com meu pai e depois de uma situação conflituosa eu voltei a morar com minha mãe. Os sofrimentos são diferentes, mas a situação é semelhante. Voltei para o início, para o colo de minha mãe, fazendo uma analogia com esta situação vocacional pode ser aplicado da mesma forma. Depois de uma situação conflitante, volto para o colo de Deus da maneira inicial, daquele primeiro chamado, que era como sacerdote diocesano.

Após providenciar todas as coisas, veio uma questão com a família, por estar indo para longe, mas foi mais tranquilo de se resolver. Desde os quatorze anos sempre tive uma liberdade bem maior, eu me acostumei com isso e minha família já estava acostumada com isso.

Na Missa de envio o padre disse: “os outros eu mandei para o Seminário, mas este eu não vou mandar, vou até o Seminário e o deixarei com o reitor”. No dia de ingresso no Seminário, deveríamos estar até às quinze horas lá. Estávamos na casa de uma família e aconteceu que na vinda mesmo para o Seminário, viemos apenas eu e o padre no carro. Parecia ser realmente a despedida, viemos rezando o terço da misericórdia, que era a devoção principal da comunidade, eram três horas da tarde. Experimentei um gemido silencioso e lembrei-me da passagem da Escritura em que Abraão leva seu filho Isaac para ser sacrificado, assim como Abraão, penso que o padre pedia a Deus para que Ele providenciasse outra vítima durante este percurso. Mas não deveria ser outra vítima, deveria ser aquele filho mesmo que ele deveria oferecer a Deus.

Algo que eu havia conversado com o padre, quando eu cheguei na comunidade logo fui colocado como superior e estava de qualquer forma acima dos outros e eu

precisava me colocar numa situação de igualdade, deveria colocar-me numa situação de igualdade aos outros. Chegado no Seminário fui convidado a ingressar no Propedêutico, mesmo já tendo feito um ano de Filosofia, pois eu não era conhecido dos formadores do Seminário. Cheguei no domingo, na segunda teve a limpeza da casa, fui conhecendo as pessoas e então deu-se o início da formação no Seminário Diocesano para que pudesse ser sacerdote diocesano.

No Seminário sempre tentei colocar-me numa situação de igualdade com os amigos, ser um igual com os irmãos. Embora numa situação ou outra surja o espírito de liderança, em algumas situações um tanto quanto controlador, mas por outro lado pude vivenciar com a consciência tranquila muito daquilo que faz parte de mim, desde casa, de colocar-me a serviço do Seminário. Isto aconteceu por diversos meios, um destes meios foi o cortar cabelo, alguns pediram inicialmente e depois outros foram vendo e tornou-se então uma função. Alguns diziam que eu deveria cobrar alguma coisa, nem que fosse um mínimo, para me ajudar nas despesas, entretanto, eu sempre vi aquilo como um serviço que eu poderia prestar ao Seminário e uma forma de ver como os outros acolhiam de bom grado o que eu fazia, fazendo isso inteiramente de graça, alegrava-me bastante.

Mais uma vez via um superior firme e exigente, que por outro lado, fora daquele ambiente era alguém muito próximo, muito amigo, brincalhão, que faço paralelo com os superiores, com o padre anterior, com meu pai. Na convivência fraterna sempre vi como qualidade para não desprezar os dons que o Senhor concede, como dom que o Senhor me deu foi a questão de saber ouvir e saber acolher. Desde muito percebia Deus colocando pessoas ao meu redor, as quais de alguma forma eu era referência, ainda que seja apenas só pelo ouvir. São dons dados por Deus a mim, que serve não tanto para mim, mas para aqueles que estão a meu redor, mais para os outros. Penso nisso como quando serei confessor, que é algo bem necessário. Tudo isso que disse faz parte de um grande processo pessoal de quedas e soerguimentos, em que pude experimentar o encontro da minha miséria com a misericórdia de Deus. Trago como lema pessoal: “Deus é rico em misericórdia” (Ef 2,4).

### 3 ANÁLISE DA HISTORICIDADE PELA FILOSOFIA CLÍNICA

#### 3.1 DADOS DIVISÓRIOS E ENRAIZAMENTOS

Após a escuta da Historicidade do Partilhante o Clínico traça os chamados Dados Divisórios facilitando, assim, o trabalho clínico ou até mesmo tornando este período algo essencial para a continuação da Clínica.

A forma de se fazer os Dados Divisórios, eventos, datas, idade dependerá da Historicidade contada, sendo assim, podemos dizer que mesmo não consciente disso é o Partilhante quem irá definir a forma de se fazer os Dados Divisórios. “Os Dados Divisórios servem para maior entendimento das questões esparsas, quebradas do contexto, espalhadas e fragmentadas sem um canto de pouso e de referência” (PACKTER, Caderno J, p. 12 *apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 47).

Na Historicidade que estamos analisando a divisão será feita pela idade e pelo local. Sendo assim, podemos fazer a seguinte divisão: 0 a 8 anos, com a mãe; 8 a 14 anos, casa do pai; 14 a 18 anos, casa da mãe novamente; 18 a 26 anos comunidade; 27 aos 34 anos Seminário Diocesano.

Sendo assim, pode-se constatar que: “Os Dados Divisórios são fundamentais dentro do processo e devem ser feitos de forma literal. Quando bem feitos costumam dar segurança nas etapas seguintes do trabalho clínico” (DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 48).

Após os Dados Divisórios ou concomitantes a eles o Clínico faz os Enraizamentos, como uma forma de aprofundar alguns temas que durante a escuta mostrou-se importantes e que não foram colocados de forma clara ou foram colocados de modo superficial.

Enraizar é pesquisar termos, palavras, frases, significados e formas de conhecer para esclarecer situações, fatos que podem ser dúbios ou merecem ser detalhados. O cuidado é com a não interpretação por parte do Clínico, que enraíza para compreender (DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 74).

No presente trabalho não se realiza os Enraizamentos pois não se faz uma Clínica, apenas está sendo analisada a Historicidade que apresentada. Para realizar os Enraizamentos deve-se ter novo ou novos contatos com o Partilhante, o que não será realizado, por não se tratar de uma clínica completa. Mas, com a coleta de dados

feita pela historicidade é possível destacar os pontos onde os enraizamentos poderiam ser feitos.

Analisando a historicidade fica claro que estes pontos poderiam ser enraizados: o lugar em que morou com o pai e o outro lugar que morou com a mãe na infância, um fator determinante naquele tempo; a vivência no grupo de infantaria; a independência conquistada pelo amadurecimento; o tempo de escola; o tempo de namoro com as três namoradas mencionadas; o relacionamento com suas irmãs; explicitar um pouco mais a vida de Seminário.

### 3.2 EXAME DAS CATEGORIAS

O Clínico passa então para o Exame das Categorias, para localizar melhor as informações que foram dadas pelo Partilhante em sua Historicidade. É um trabalho feito apenas pelo Clínico onde vai observar aspectos da Historicidade no que tange Lugar, Tempo, Relações e Circunstâncias (DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 99).

É importante esta busca para localizar existencialmente o Partilhante, conhecendo a riqueza de detalhes de sua Historicidade. “Damos o nome de Exames Categorias à localização existencial da pessoa: idioma, costumes, país, época, relações próximas, pertinências políticas, sociais e religiosas” (PACKTER, Caderno A, p. 13 *apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 101).

Chegado neste momento da clínica o Assunto Imediato e o Assunto Último são analisados. O Assunto Imediato “diz respeito ao motivo ou às razões que levaram alguém para a clínica” (DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 102). Na análise da Historicidade não foi identificado um Assunto Imediato, pois o Partilhante não procurou a clínica, foi o clínico que procurou o Partilhante como fonte para o trabalho que está sendo realizado. Se o Partilhante tivesse procurado a Clínica poderia ter sido em alguns destes momentos: no momento de sua dúvida vocacional; se ficaria na Comunidade Religiosa ou se iria para o Seminário Diocesano; estes poderiam ter sido possíveis Assuntos Imediatos.

O Assunto Último é o que realmente precisa ser trabalhado, é o verdadeiro motivo para a clínica. Ainda que inicialmente o Partilhante não enxergue o Assunto Último, pois achega-se à clínica por motivo do Assunto Imediato, aquilo que está incomodando naquele momento, o desenrolar da clínica mostrará o Assunto Último e como superá-lo.

Olhando para a Historicidade e pensando na Categoria Lugar, que pode não ser necessariamente um lugar geográfico destaca-se que: quando os pais se separaram o lugar tem um acento maior para ele, pois, ao ir morar com a mãe em um lugar mais distante e se muitas pessoas ao redor ele prefere ir morar com o pai, num bairro cheio de crianças. O lugar com outras pessoas é fundamental para ele. Depois na infantaria, na Paróquia, na comunidade, na Faculdade, no Seminário veremos que em todos estes lugares o grande destaque é que ele está cercado de pessoas e isso parece determinar o melhor lugar para ele. E em todos estes lugares ele busca manter relações próximas com as pessoas lá presentes. O grande lugar geográfico marcante para ele é a comunidade, tanto é que a maior parte de sua Historicidade é em referência ao tempo que lá passou.

A próxima categoria a ser analisada é a Categoria Tempo. “O tempo realmente considerável é o que a pessoa tem representado em si mesma” (PACKTER, Caderno A, pp. 34-35 *apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 106). Eis algumas representações da Categoria Tempo retirada da Historicidade:

Aos seis anos de idade fui morar com minha... com oito anos de idade eu voltei para morar com meu pai [...]  
 Quando eu tinha quatorze anos ele começou a namorar uma mulher e a coisa já tinha ficado mais séria [...]  
 E chegou um ponto, com a adolescência, eu queria mais independência e tudo, voltei a morar com minha mãe [...]  
 [...] pensando agora, pensando hoje, parecia que era como que uma extensão do meu pai [...]  
 Nestes anos junto com muitos amigos de muitos lugares, como que apareceu um espírito de liderança [...]  
 Por exemplo, aos quinze anos eu era do meu grupo de amigos o mais novo [...]  
 Os outros falavam que não parecia que tinha a idade que eu tinha [...]

Seguindo com o Exame Categorical chega-se à Categoria Relação, ou seja, as interseções que o Partilhante faz ao longo de sua vida, elas podem ser positivas, negativas, confusas ou indefinidas. “A Relação é a qualidade estabelecida quando da Interseção” (PACKTER, Caderno A, pp. 38-39 *apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 109).

Na Historicidade do Partilhante as relações são importantes: “No relato da sua Historicidade, cada Partilhante vai enumerando pessoas, objetos, instituições, animais que façam parte do seu mundo. Sua pessoa também será incluída” (DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 109). Analisando a Historicidade percebemos que a maioria

das Interseções do Partilhante são positivas: com o pai, que era bem exigente e ao mesmo tempo muito carinhoso e a mãe, que deseja proteger por conta dos tantos sofrimentos que havia passado; com os amigos, desde a infância, Faculdade, comunidade, Paróquia, onde sempre fora uma referência em todos estes lugares e para todos estes amigos; com a última namorada que considerava mulher para casar; com as crianças que gostava tanto por influência de seu pai; com o padre que tanto o ajudou em seu discernimento e que imitava a figura paterna de alguém bem exigente e ao mesmo tempo extremamente carinhoso. Interseções negativas vemos em relação à mulher que passou a morar com seu pai e com os filhos dela, que não receberam a mesma educação que ele e faziam coisas que ele não podia fazer. Interseções indefinidas com as irmãs e com o Seminário, estas interseções poderiam servir para fazer algum Enraizamento, uma vez que não há menções diretas e claras a respeito das irmãs, dos amigos do Seminário e do tempo de Seminário. Em geral nosso Partilhante sempre cultivou boas relações durante sua vida.

A última categoria analisada é a Categoria Circunstância. “A Categoria Circunstância é o somatório de singularidade que acompanham uma situação” (PACKTER, Caderno A, pp. 26-27 *apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 111). As situações às quais o Partilhante está envolvido durante toda sua vida são importantes para ter claro quem ele é e porque toma tais atitudes. As pessoas passam por muitas situações durante a vida, muitas delas passam pelas mesmas situações, entretanto, cada uma destas situações influenciará de forma diferente cada pessoa, pois o indivíduo é único, mesmo diante de situações iguais as influências na vida da pessoa serão diferentes.

Dentre as singularidades que marcam uma história de vida podemos destacar: pais presentes ou ausentes, escolaridade, oportunidades, doenças ou limitações físicas, vida social, desenvolvimento da espiritualidade, condição financeira, vida rural ou urbana, vizinhanças, tempo de paz ou de guerra e assim por diante (DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 111).

Sua família era composta por três irmãs e ele o caçula, fora sempre muito esperado pelo pai, tanto é que quando ele nasceu seu pai até parou de beber. Vivia numa família marcada pela violência e pelo adultério, por mais que ele não tenha presenciado esta realidade, sofreu muito com as consequências da mesma. Dois anos após a separação dos pais foi morar com seu pai, numa realidade cheia de crianças,

alegre e bem diferente de onde morava com sua mãe. A entrada na infantaria e o ingresso na comunidade religiosa moldaram sua vida, já com base da educação dada pelo seu pai. As duas crises que sofreu, seja de não mais casar para ir para a vida celibatária, seja a de sair da comunidade religiosa para seguir a vocação diocesana, foram ocasiões de sofrimentos, dúvidas e muitas reflexões.

#### 4 ANÁLISE DA EPISTEMOLOGIA

O método que a Filosofia Clínica utiliza para a clínica é método da escuta e da análise desta escuta da Historicidade do Partilhante. Esta escuta e análise proporciona uma aproximação da Estrutura de Pensamento do Partilhante, aproximação porque nunca será uma exatidão. Se o Partilhante que está sendo analisado necessita de uma clínica, o ponto de partida seria o modo de conhecer do Partilhante, pois ao longo de sua Historicidade é possível perceber padrões, intensidades e frequência naquilo que concerne à forma de conhecimento, como será agora apresentado na análise da Epistemologia.

##### 4.1 ESTRUTURA DE PENSAMENTO

Anteriormente foi feito o Exame das Categorias na Historicidade do Partilhante, agora será feito o estudo e análise da Estrutura de Pensamento. “Tudo o que você conhece, sente, intui, tudo o que há em você na sua totalidade, isso é a sua Estrutura de Pensamento” (PACKTER, Caderno B, p. 14 *apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 115). A Estrutura de Pensamento é aquilo que a pessoa é, sua singularidade. Assim, não se cria a Estrutura de Pensamento do Partilhante, através do conhecimento dele, pela sua historicidade, torna-se perceptível a sua Estrutura de Pensamento e os elementos marcantes de uma Estrutura de Pensamento.

Significa a maneira como estão associados em você todos os seus sentimentos, os seus entendimentos, seus dados éticos e epistemológicos, religiosos e o que mais houver. Se os exames categoriais foram realizados com competência, será simples agora proceder à pesquisa da estrutura de pensamento (PACKTER, 1997, p. 23).

Olhar para uma historicidade de uma partilhante, é olhar para um mundo que deve ser tratado de acordo com o que o partilhante se apresenta, assim, todo nosso subjetivismo deve ser deixado de lado, é necessário entrar na realidade do nosso partilhante.

Assim é composta a Estrutura de Pensamento: “A Estrutura de Pensamento é composta por 30 Tópicos que estão em contínua movimentação (plasticidade) e podem ser combinados quase ao infinito” (DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 116). São eles: Como O Mundo Parece; O Que Acha de Si Mesma; Sensorial e Abstrato; Emoções; Pré-Juízos; Termos Agendados no Intelecto; Termos: Singular/Particular/Universal; Termos: Unívocos e Equívocos; Discurso Completo e Incompleto; Estruturação do Raciocínio; Busca; Paixão Dominante; Comportamento e Função; Espacialidade: Inversão e Recíproca/Deslocamento Longo e Curto; Semiose; Significado; Armadilha Conceitual; Axiologia; Tópico de Singularidade Existencial (TSE); Epistemologia; Expressividade; Papel Existencial; Ação; Hipótese; Experimentação; Princípios de Verdade; Análise da Estrutura de Pensamento; Interseção de Estrutura de Pensamento (IEP); Matemática Simbólica; Autogenia.

É possível identificar, a partir da Historicidade do Partilhante, estes elementos da sua Estrutura de Pensamento, seja aqueles que são determinantes, importantes, que se possui relação entre si. Neste trabalho será aprofundado um destes tópicos, o tópico 20: a Epistemologia.

## 4.2 CONCEITOS DE EPISTEMOLOGIA

A epistemologia refere-se ao conhecimento, assim, na Filosofia Geral o termo é usado com seus sinônimos: Teoria do Conhecimento e Gnosiologia, que possuem o mesmo significado. “A palavra *epistemologia* significa, etimologicamente, ‘discurso sobre a ciência’ ou ‘teoria da ciência’. Estuda, não o conteúdo, mas a forma da ciência” (ZILLES, 2008, p. 34). Aqui compreendemos a extensão da epistemologia, como o estudo da forma de conhecer do indivíduo.

Termo de origem grega que apresenta duas acepções de fundo. Num primeiro sentido (como o inglês *Epistemology*), é sinônimo de gnosiologia ou de teoria do conhecimento. Num segundo sentido, é sinônimo de filosofia da ciência. Os dois significados estão estreitamente interligados, pois o problema do conhecimento, na



filosofia moderna e contemporânea, entrelaça-se (e às vezes se confunde) com o da ciência (ABBAGNANO, 2007, p. 392).

Buscando conceitos para a epistemologia ou teoria do conhecimento podemos ver que: “A teoria do conhecimento, como o nome já diz, é uma teoria, isto é, uma interpretação e uma explicação filosóficas do conhecimento humano” (HESSEN, 2012, p. 19). Não apenas buscar o conceito de conhecimento, mas compreender o como a filosofia compreende este conhecimento.

Abbagnano no Dicionário de Filosofia fala de tipos de Epistemologia: Evolucionista, Genética, Naturalizada, Pós-Positivista (pp. 392-394).

O termo Teoria do Conhecimento sinônimo de Epistemologia também é cunhado pelo Dicionário de Filosofia:

Quando se fala de teoria do Conhecimento, não se entende apenas o problema do Conhecimento do modo como ele se configurou historicamente no mundo moderno – ou seja, o problema de como atingir um objeto “externo” a partir de algum dado “interno” – porém, mais em geral, entende-se toda e qualquer forma de reflexão filosófica em torno do Conhecimento, como quer que seja entendida ou praticada [...] a teoria do Conhecimento se configura, para todos os efeitos, como uma seção típica da filosofia, munida da mesma dignidade e consistência de disciplinas como a lógica, a ética, a filosofia política etc. (ABBAGNANO, 2007, p. 215).

A Epistemologia ou Teoria do conhecimento é toda e qualquer reflexão da Filosofia em torno do Conhecimento, seja o conhecimento das coisas, seja do conhecimento do ser humano em relação às coisas.

Sobre a Epistemologia a Filosofia Clínica diz: “Nesse tópico, o filósofo pesquisará o modo como a pessoa conhece as coisas” (PACKTER, 2008, p. 44). Como o partilhante aprende e como isso impacta sua Estrutura de Pensamento.

Temos um exemplo, referente às crianças na escola que pode ajudar na compreensão deste Tópico.

Há crianças que aprendem observando como os adultos fazem; há crianças que preferem aprender sozinhas, por tentativa; há crianças que aprendem copiando, criando, destruindo ou simplesmente quando coagidas a aprender; há crianças que não aprendem porque este tópico, na EP delas, pode estar subordinado a um outro (PACKTER, 1997, p. 37).

Estamos procurando a forma de conhecer do nosso Partilhante e como isso pode influenciar ou estruturar sua própria pessoa.

#### 4.3 EPISTEMOLOGIA NA HISTORICIDADE DO PARTILHANTE

No caso da Historicidade do nosso Partilhante que foi apresentada anteriormente percebemos que o aprender dele está inserido na situação, ou seja, para aprender ele precisa estar envolvido emocionalmente, desta forma, quando ele conhece alguma coisa ele muda o modo de pensar, é transformado através do conhecimento. Quando ele conheceu o grupo de infantaria, quando conheceu a Igreja, quando conheceu o padre, quando conheceu a comunidade, quando conheceu uma nova realidade de vida que era apenas a matrimonial.

Analisando a Historicidade do Partilhante encontramos o tópico Epistemologia presente nos seguintes trechos:

“Também eu tinha certa consciência da questão moral sobre a criminalidade e meu pai morava num bairro muito perigoso, uma periferia bem perigosa, voltada para as drogas e tudo [...]”

“Meus superiores lá eram bem rígidos, de cobrar mesmo, por outro lado, fora do agrupamento, da instituição eram muitos amigos, muito próximos, e isso, pensando agora, pensando hoje, parecia que era como que uma extensão do meu pai [...]”

“[...] antes eu não percebia, olhando para minha história, antes eu não percebia isso, pode ser que antes se manifestava de outra forma, mas eu percebi mais aí [...]”

“Para começar eu não entendia, não era religioso e eu usava meus argumentos de pagão que não era vontade de Deus o homem querer viver no mundo sem se casar e que Deus criou o homem para a mulher e a mulher para o homem e por aí vai [...]”

“A partir daí mudei o modo de pensar, até mesmo em relação a mim mesmo [...]”

“[...] mas tudo isso foi se clareando depois com as direções espirituais, com as confissões, com as homilias”.

“[...] eu obtinha a resposta nas homilias, fui mudando aos poucos. Deus foi me mudando aos poucos, sem violência, tudo muito tranquilo”.

“Comecei a conhecer a comunidade vivendo com eles no final de semana, achei muito interessante as pessoas da comunidade, todo este processo de maior aproximação de Deus [...]”

“Eu vinha de uma realidade de vida leiga não conhecia muito a diferença, foi sendo conduzido pelo padre a respeito das diferenças de cada realidade...”

“Só depois eu tive consciência do amor do meu pai e só depois tive consciência do amor de Deus por mim [...]”

“Penso que muito do que eu tenho de minha personalidade tem base nisso [...]”

“Na Faculdade pude fazer muitos amigos e pude, mais uma vez, perceber o fato de reunir muitas pessoas ao meu redor [...]”

“Percebi que a solução seria voltar para casa e ficar um tempo afastado da comunidade, para pensar e refletir melhor. Na comunidade eu não conseguia este tempo [...]”

“Percebi então que o clima havia mudado, percebi novamente a alegria do padre e sua empolgação em providenciar todas as coisas necessárias para meu ingresso no Seminário [...]”

“Desde muito percebia Deus colocando pessoas ao meu redor, as quais de alguma forma eu era referência, ainda que seja apenas só pelo ouvir”.

O tópico Epistemologia conversa com pelos menos outros cinco tópicos da Estrutura de Pensamento: Busca, Comportamento & Função, Experimentação, Emoções e Prejuízos.

O tópico Busca diz que: “O devir, a esperança, o projeto pessoal, o para onde queremos ir, qual a procura imediata e a mais remota, o sonho guardado (confesso ou não). Algo pequeno ou grande, mas sempre significativa a quem o possui” (PACKTER, Caderno C, p. 34 *apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 138). Em muitos lugares onde se percebe o tópico Epistemologia, é perceptível também que o Partilhante está buscando uma nova realidade, experimentando algo novo que está conhecendo e buscando.

Sobre o tópico Comportamento e Função apura-se que:

Comportamento é qualquer manifestação enquanto termo. Função é o motivo porque faço algo. Um comportamento remete a uma função, e vice-versa. Um comportamento pode ter uma ou mais funções. Uma função pode ter um ou muitos comportamentos. Os comportamentos podem se enfraquecer, negar, afrontar, anular: Nem todas as funções podem ser elucidadas em clínica (PACKTER, Caderno D, p. 7 *apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 142).

Este tópico conversa com o tópico Epistemologia pois ao longo da Historicidade é percebido que ao conhecer outra realidade ou reconhecer algo que já fez relacionar-se com a função que ele está exercendo e o faz mudar ou afirmar o comportamento que ele está exercendo.

Sobre o tópico Experimentação vemos que é: “O efeito, a consequência, a decorrência imediata/última, a resultante do processo” (PACKTER, Caderno F, p. 34

*apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 169). Quando há conhecimento por parte do Partilhante quase sempre é experimentando uma realidade, nova ou já começada.

O tópico Emoções “é o movimento em partes da Estrutura de Pensamento que a pessoa vivencia como um estado afetivo qualquer: prazer, dor, alegria, tristeza, amor, ódio, bem-estar, mal-estar, esperança, desejo, saudade, carinho etc. assim, engloba o sentimento” (PACKTER, Caderno B, p. 28 *apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 125). Na Historicidade isto é visto quando fala da disciplina e da exigência associada ao carinho, existe um e outro que convivem sem conflito.

Prejuízos “são as verdades subjetivas que habitam a pessoa em cada momento considerado. Assim, tudo o que entrar em Interseção comigo vai ter que lidar de alguma forma com as verdades subjetivas que já fazem parte de mim” (PACKTER, Caderno B, p. 29 *apud* DI PAULO; NIEDERAUER, 2013, p. 127). Nesta Historicidade a forma de conhecer está ligada com o como o Partilhante vê e concebe a disciplina.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após muito esforço foi demonstrado, através deste trabalho, como a Filosofia Clínica trabalha ao receber um Partilhante e escutar sua Historicidade. Quais os caminhos de análise dos Dados Divisórios, dos Exames das Categorias, da Estrutura de Pensamento e do tópico principal abordado neste trabalho que é a Epistemologia.

Foi apresentada toda a Historicidade colhida do Partilhante, sem acréscimos nem interpretações, assim como se escutou do mesmo, foi transcrita neste trabalho e com este material permeado por uma história bonita de vida pode ser mostrado como a Filosofia Clínica faz sua análise.

Os vários Enraizamentos foram identificados, momentos que se poderia aprofundar se se tratasse de uma Clínica completa, que seriam feitos se outros contatos com o Partilhante fossem possíveis, mas o trabalho não era fazer uma Clínica completa, e sim, através de uma Historicidade, demonstrar o caminho que a Filosofia Clínica segue.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DI PAULO, Margarida Nichele; NIEDERAUER, Mariza Zambom. **Compêndio de Filosofia Clínica: Caso Nina**. Rio de Janeiro: Livre Expressão Editora, 2013.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: A filosofia no hospital e no consultório**. São Paulo: All Print Editora, 2008.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Propedêutica**. 3. ed. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2001.

TOBIAS, José Antônio. **Iniciação à Filosofia**. 11<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento e teoria da ciência**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.